

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

JÚLIO CÉSAR DE MATOS ARAÚJO

A CONCEPÇÃO DE FELICIDADE EM ARISTÓTELES E A VIDA ÉTICA

ANÁPOLIS – GOIÁS
2023

JÚLIO CÉSAR DE MATOS ARAÚJO

A CONCEPÇÃO DE FELICIDADE EM ARISTÓTELES E A VIDA ÉTICA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Faculdade Católica de
Anápolis como requisito para a obtenção
do título de Licenciatura em Filosofia sob
a orientação do Prof. Me. Gessione Alves
da Cunha.

AGRADECIMENTO

Agradeço a cima de tudo, ao Sumo e Eterno Sacerdote o Senhor o Deus Altíssimo e Misericordioso, que realizou e realizará tantos pródigos em minha vida.

A Santa Maria Mãe de Deus, por ser tão terna e tão boa. E por me defender em todas as batalhas que cruzam o meu caminhar.

Aos meus pais, que são na minha vida um porto seguro e que sempre tiveram como exclusividade a educação de seus dois filhos. Como também o grande amor que tem por mim e pelo meu irmão Pedro Vitor.

A minha querida Avó que além do seu incansável amor e sua total disponibilidade, agradeço a sua paciência e presteza.

Aos meus familiares que sempre me apoiaram e estiveram ao meu lado.

“A felicidade consiste em fazer o bem”.

Aristóteles

RESUMO

O presente artigo tem como principal objetivo explicitar o pensamento do filósofo Aristóteles, com suas contribuições à filosofia, tendo em vista sua formulação teórica no que se refere ao conceito de felicidade (*eudaimonia*), que sendo o maior bem que todos os homens almejam, pode ser alcançada através da prática das virtudes e da vida ética. Para entender o pensamento deste filósofo acerca do assunto abordado, deve-se inicialmente saber que para Ele todas as coisas decorrem para um bem, e este bem é o fim último de todas as coisas, desta maneira para se chegar a esse supremo bem é necessário que o homem trilhe um caminho de virtudes. A virtude (*aretê*) significa o grau de excelência no exercício de uma capacidade que um ser possui como própria, se dá pelo hábito e é encontrada no meio-termo entre ações opostas, ou seja, no equilíbrio entre o excesso e a deficiência, e divide-se em virtudes intelectuais e virtudes éticas. Assim para o filósofo a ética consiste neste hábito ou ação virtuosa do homem na busca pela felicidade, sempre equilibrando as virtudes e vivendo fraternalmente em meio a *polis*.

Palavras-chave: Aristóteles; Felicidade; Virtude; Ética.

ABSTRACT

The main purpose of this article is to explain the philosopher Aristotle's thought and his contributions to philosophy, taking into account his theoretical formulation regarding the concept of happiness (eudaimonia), which, being the greatest good that all people aspire to, can be achieved through the practice of virtues and an ethical life. To understand the philosopher's thought on the subject, one must first know that for him all things lead to a good, and this good is the ultimate end of all things. Virtue (aretê) means the degree of excellence in the exercise of a capacity that a being possesses as his or her own, is given by habit and is found in the middle ground between opposite actions, that is, in the balance between excess and deficiency, and is divided into intellectual virtues and ethical virtues. Thus for the philosopher, ethics consists of this habit or virtuous action of man in the pursuit of happiness, always balancing the virtues and living fraternally in the midst of the polis.

Keywords: Aristotle; Happiness; Virtue; Ethics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 ARISTÓTELES: VIDA, OBRA E PENSAMENO	10
2 A FELICIDADE NO PENSAMENTO ARISTOTÉLICO	14
3 A FELICIDADE E O EXERCÍCIO DAS VIRTUDES	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIICAS.....	22

INTRODUÇÃO

Neste presente trabalho será exposto um estudo sobre a concepção de felicidade e a vida ética do homem, apresentada pelo filósofo Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) através de uma vida inteira dedicada a estudos e pesquisas em diversos campos do saber, com a intenção de indicar ao homem, que sendo um ser racional, e por natureza aspirante ao bem, o meio de exercer as virtudes para cumprir sua finalidade no mundo: ser feliz.

O filósofo Estagirita mostra que o fim último do homem é a felicidade ou *eudaimonia*. Para alcançarmos a *eudaimonia*, precisamos viver racionalmente, e viver racionalmente significa viver segundo a virtude. A virtude irá depender de um julgamento, por força da reta norma da sabedoria prática, ou reta razão, para se afastar dos extremos e alcançar o meio-termo.

É nesta incessante busca que surge a ética, sempre tendo como principal objetivo esclarecer ao homem o caminho para se alcançar a felicidade, visando não somente mostrar o que é o bem, mas acima de tudo como se tornar bom. Para isso usa as virtudes, que não servem para mudar radicalmente o homem aniquilando seus impulsos humanos, mas sim, orientando-os. A tarefa da ética consiste em delimitar critérios para que o homem leve uma vida ordenada na *polis*, fundamentando tais critérios em fatos de experiências vinculadas com o *ethos*. Porém não se detendo somente a teorias, pois a sua finalidade é a ação racional do homem em sociedade.

Neste trabalho haverá uma divisão por tópicos que especificam e melhor esclarecem o assunto aqui abordado. Inicialmente trata-se da vida, obras e pensamento ético de Aristóteles, havendo assim uma breve biografia do mesmo, citações de suas mais destacadas obras e uma breve apresentação do seu pensamento ético. O segundo tópico traz uma abordagem sobre a felicidade no pensamento Aristotélico, visando explicar o tema, destacando as virtudes e as formas de ser feliz apresentadas pelo filósofo. O terceiro e último tópico mostra mais amplamente como se dá a felicidade no exercício das virtudes, e a ética do equilíbrio ou meio-termo.

1. ARISTÓTELES: VIDA, OBRA E PENSAMENTO ÉTICO

Podendo ser considerado um dos maiores pensadores do Ocidente, Aristóteles nasceu na cidade grega de Estagira em meados dos anos 384 ou 385 a.C. era filho de Nicômaco, médico da corte do rei da Macedônia. Perdeu seu Pai com a idade de sete anos e foi educado pelo tio e tutor Proxeno. Na juventude, Aristóteles decide mudar-se para Atenas e ingressa na Academia de Platão, tornando-se um dos discípulos mais brilhantes, por desenvolver suas próprias pesquisas e teorias, e contestar em vários pontos as teses de seu mestre.

Na Academia platônica torna-se logo um dos mais destacados alunos e ali permanece por mais de vinte anos ligado ao mestre. Sua ligação com a Academia perdura até a morte de Platão. Com a morte do mestre Aristóteles não se adaptou à nova administração da Academia, abandonando-a por causa da divergência de opiniões com Espeusipo, novo diretor da Academia, sobrinho de Platão.

Em 342 a.C., o rei Filipe da macedônia o convida para dedicar-se à educação de seu filho Alexandre. Aristóteles permaneceu nessa atividade por três anos e a encerra com a morte do imperador, quando Alexandre assume o poder. Se casa, e vem à luz o filho Nicômaco, ao qual é dedicada uma obra posterior chamada *Ética a Nicômaco*. Aristóteles retorna a Atenas e funda sua própria escola, o Liceu, que recebe este nome por localizar-se nos jardins do templo dedicado a Apolo Lício.

O Liceu possuía um edifício, um jardim e um parque para passeio – em grego: perípatos, passeio por onde se anda conversando –, motivo pelo qual a escola aristotélica foi chamada de peripatética, seja como referência ao parque, seja como referência ao fato de que Aristóteles e os estudantes passeavam por ali, discutindo animadamente filosofia.

Do mesmo modo, que a Academia, o Liceu também praticava a vida comunitária, mas a disciplina escolar era mais rígida do que na escola de Platão. Todas as manhãs, Aristóteles dava as aulas sobre os assuntos filosóficos mais difíceis aos alunos mais adiantados, à tarde e à noite dava lições abertas para um público vasto sobre questões de retórica e a dialética. (CHAUI. 2002, p.337).

Em razão disso, Aristóteles e seus discípulos foram apelidados de peripatéticos, ou seja, devido aos ensinamentos do mestre serem ministrados em forma de passeios pelo jardim. Nesse período escreve duas grandes obras sobre ética: *Ética a Nicômaco* e *Ética a Eudemo*. Veio a falecer em 322 a.C. em Atenas, vítima de uma doença do estômago.

O Estagirita trabalhou na busca de diversos conhecimentos que existiam em toda a Grécia para escrever suas obras, reuniu vários manuscritos e obras em uma biblioteca por ele criada, além de construir uma espécie de museu onde guardava catálogos com as diversas espécies de plantas e animais que utilizava para ilustrar suas aulas. Aristóteles se ocupou em estudar quase todas as ciências conhecidas na Antiguidade, e assim classificou seus escritos em: ciências teóricas, as que se referem ao estudo dos primeiros princípios de todos os seres (matemática, física e teologia); em ciências práticas: o homem como agente da ação (ética e política), e as ciências poéticas: aplicação da técnica na produção de algo (poética e retórica).

Aristóteles tratou de vários temas como o ser e a essência, que mais tarde foi editada com o título de *Metafísica*. A moral e a política que estão presentes nos livros: *Ética a Nicômaco*, *Ética a Eudemo* e nos oito livros que compõem a obra *Política*. Para tratar da retórica e da poética, escreveu livros que receberam estes mesmos títulos. Devido à grande diversidade de suas obras, Aristóteles ficou conhecido como um organizador do saber, aquele que se preocupou com o tema, a classificação e generalização de cada obra estudada.

As obras de Aristóteles também são conhecidas de acordo com uma divisão em duas classes, resultantes de anotações realizadas, em cursos, pelos discípulos. As primeiras se referem aos escritos exotéricos¹ que objetivam a divulgação das teorias filosóficas e eram destinadas ao público em geral. Estes escritos eram redigidos em forma de diálogo e versavam sobre retórica e dialética. A segunda classe pertence aos escritos acromáticos² eram anotações de cursos destinados especialmente aos alunos iniciados numa determinada matéria (lógica, física, filosofia, biologia, metafísica, ética, política, artes e história). Estes objetos de estudos requeriam um aprofundamento maior em termos de análise e discussão e interessavam a uma minoria devido ao rigor necessário por serem matérias mais ricas em conhecimentos e sendo assim mais esforço dos alunos.

Além do citado, o Estagirita escreve algumas obras que posteriormente foram reunidas e a elas atribuído um título, a *Metafísica* (ou seja, obra que deve ser lida “depois da física”) é uma um exemplo dessa organização de escritos.

De um modo geral, os textos Metafísicos são indagações e questões sobre problemas filosóficos que Aristóteles discutia e investigava com seus alunos, motivo pelo qual

¹ Relativo à doutrina destinada ao grande público; o prefixo ex significa “fora”.

² Doutrina acessível só aos iniciados, e não ao grande público, destinavam-se ao estudo no âmbito do Liceu e não à publicação.

as partes da obra não possuem uma sequência rígida, muitas perguntas estão sem respostas e não se pode falar numa “doutrina”. (CHAUI. 2002, p.343/344).

Há também outra obra por agrupamento, por nome de *Organon* (que significa instrumento), contendo escritos lógicos. Escreve um diálogo sobre a alma, dirigido a Eudemo, escreve sobre a Física, Biologia, Filosofia Natural, e sobre ética e a política, contendo tratados de ética, a *Ética a Eudemo* e sua principal obra a *Ética a Nicômaco*. A *Política* ele organiza em oito livros aos quais divide em diferentes ramos. Há alguns escritos sobre as artes e a história, contidos nos três livros da *Arte retórica*.

Além dessas obras e das que se perderam, existem relatos de obras das quais não há nenhum fragmento, como uma possível tradução dos poemas de Homero, que ele teria traduzido a pedido do rei Alexandre, um estudo sobre a guerra e os direitos territoriais, algumas apresentações dramáticas em Atenas.

Uma das maiores críticas em relação às obras de Aristóteles se deve ao fato de que muitos cursos ministrados por ele foram redigidos por seus discípulos, e possuem um estilo e vocabulário diferentes dos empregados pelo filósofo, além de possuírem textos com datas e ideias distintas agrupadas em uma mesma obra.

Aristóteles é o criador da filosofia prática, porque demarcou o campo da ação humana e distinguiu, pelo método e pelo conteúdo, o saber prático e a técnica para produzi-lo, assim como o saber teórico. A ética é uma ciência prática que deriva da práxis³ humana, ou seja, um saber que tem por principal objetivo o conhecimento que se dá através da ação. Difere-se de algumas ciências teóricas como a metafísica, e a filosofia da natureza pelo fato de não estar somente contemplando ideias, mas sim criando objetos de ação levando automaticamente a uma prática.

Porém, existe um ponto em comum entre a ética e as ciências teóricas, uma vez que o homem age sempre buscando uma finalidade, seguindo princípios e causas de acordo com a *phýsis*⁴, portanto, esse agir em busca de um bem maior, embora sendo um objeto prático, parte de um pressuposto que é a natureza humana assim como a metafísica e a física, caracterizando por este ponto uma breve união entre a ética e as ciências teóricas.

³Práxis é uma palavra com origem no termo em grego *praxis* que significa conduta ou ação. Corresponde a uma atividade prática, rotineira que nesse contexto também pode ser associado a costume, tradição e cultura.

⁴Phýsis é o princípio da evolução ou do progresso, na natureza.

Esse bem maior acima citado é para Aristóteles a felicidade, que pode ser definida como um bem mais perfeito que todos os outros. Ele percebeu que não poderia haver apenas bens secundários, um bem desejado em função de outro. Era necessário que existisse um fim último para a ação humana. A esse fim último, refere-se como Sumo Bem, “o melhor dos bens”.

É perceptível que a filosofia aristotélica é teleológica, ou seja, está orientada por uma finalidade (*telos*, em grego, significa “fim”). Como é o “melhor que existe”, o Sumo Bem deve ser objeto de um saber supremo, uma ciência que seja superior às outras ciências. Para ele, essa ciência era a Política. Dessa forma, podemos compreender que o bem para os seres humanos não deve ser alcançado individualmente e, sim, em coletivo, por toda a cidade.

A felicidade se define como a atividade da alma segundo a virtude. Aristóteles afirma que para e chegar à felicidade é necessário trilhar um caminho baseado em virtudes, porque elas irão modelar a vida do homem segundo a racionalidade, ou seja, as virtudes nada mais são do que a educação dos extintos, da sensibilidade e das paixões a luz do intelecto.

Aristóteles chama Virtudes Morais aquelas que se referem ao instinto e à sensibilidade como as paixões, os sentimentos, os impulsos e os costumes, essas virtudes estão relacionadas ao exercício, porque potencialmente todos somos justos e corajosos, mas pelo exercício repetido essas potências passam e ser ato. E chama de Virtudes Intelectuais aquelas que dependem o intelecto como a Sabedoria, a Prudência e a Justiça.

A Sabedoria é responsável por elevar o homem acima das realidades multáveis para que assim ele possa contemplar as imutáveis como o bem. A Prudência discerne, escolhe, pondera e decide as ações a fazer e os melhores meios práticos para administrar os comportamentos cotidianos. A Justiça é responsável pela ordem e a harmonia cósmica e humana, a justiça encerra toda virtude.

Aristóteles ressalta a Justiça dentre as virtudes intelectuais, pois sendo a mesma responsável pela harmonia e a ordem, busca também o equilíbrio da vida social e pessoal, por isso é associada ao *meio-termo*⁵, como o que equilibra uma grande balança entre o vício e o excesso. A virtude é o meio-termo e o vício se dá ou na falta ou no excesso. Por exemplo: coragem é uma virtude e seus contrários são a temeridade (excesso de coragem) e a covardia (ausência de coragem).

⁵ Aquilo que está à meia distância entre dois extremos.

2. A FELICIDADE NO PENSAMENTO ARISTOTÉLICO

A finalidade natural de todos os seres humanos, segundo Aristóteles, consiste em ter uma vida boa, justa e feliz. Partindo deste princípio, este filósofo propõe investigar qual é o fim ético que todo indivíduo aspira e quais caminhos ele deve trilhar em direção a esta busca. Para ele, a Felicidade se difere da honra, do prestígio, da inteligência, porque não necessita de bens exteriores para ser atingida, ela é autossuficiente, visto que, os outros meios são buscados visando outros bens. Segundo Chauí, Aristóteles afirma:

[...] aquilo que, à parte de todo o resto, torna a vida desejável e não carece de nenhum outro é um bem mais perfeito do que qualquer outro. E a felicidade é um bem desse gênero, pois ela não é buscada em vista de outra coisa e sim as outras coisas é que são buscadas como meios para ela. (CHAUÍ. 2002 p. 441).

Como afirma a citação acima, o bem é idealizado como uma virtude, uma atividade cotidiana que procura a excelência de acordo com o exercício da razão, sendo tão sublime que nos aproxima do divino. A felicidade como um fim em si mesma é conceituada na filosofia aristotélica como um bem supremo, algo absoluto que converge na ação.

Desta forma, a felicidade não é buscada como meio para outros fins. Com base nisso é correto afirmar que a mesma sendo um bem, é sempre uma excelência. Não é um estado de espírito subjetivo, mas sim, uma atividade da alma de acordo com as virtudes, assim não é um fruto de um só dia, nem de pouco tempo, mas sim de uma vida inteira de dedicação e esforço.

A ética tem como pressuposto mostrar o caminho para se chegar à felicidade, ela deve definir a felicidade, a natureza humana como *éthos*⁶ e as virtudes. Desta forma, a ética não pretende apenas nos mostrar o bem, mas, sobretudo visa buscar saber como nos tornarmos bons.

Para Aristóteles o homem para ser considerado um ser ético, precisa ter a capacidade de discernir entre as coisas boas e úteis para si e as não boas, sempre visando o bem viver. Desta forma a prudência tem um importante papel na vida ética do ser humano, sendo uma disposição prática que garante a autonomia e a autossuficiência, para que o homem possa direcionar sua própria vida, libertando-se da escravidão causada pelos excessos de negligências ou paixão.

A palavra principal usada para expressar a vivência da felicidade no mundo grego antigo é *eudaimonia*, que em sua etimologia grega significa “(eu) bem disposto; (*daimon*) que tem um

⁶ Conjunto dos costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc.) e da cultura (valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região.

poder divino”. Desta forma é perceptível que para os gregos a felicidade é uma dádiva, e para alguém ser feliz tem que usufruir ou ser favorecido deste poder divino.

Esse poder divino também pode ser compreendido como uma motivação ou um desejo por um supremo bem humano: a felicidade. Afirma o filósofo:

Quanto ao nome desse bem parece haver acordo entre a maioria dos homens. Tanto a maioria quanto os mais sofisticados dizem ser a felicidade, porque supõe que ser feliz é o mesmo que viver bem e passar bem. Contudo, acerca do que possa ser a felicidade estão em desacordo e a maioria não compreende o seu sentido do mesmo modo que o compreendem os sábios. (ARISTÓTELES. Livro I, 1095a14, 15-30, 2009).

Desta forma vemos que o bem, a felicidade, é a finalidade de todas as coisas, por exemplo: a medicina visa o bem dos corpos, a cadeira é feita para sentarmos bem, os óculos para vermos bem, as roupas para nos vestirmos. Aristóteles associa o bem humano com a felicidade, desta forma cada tipo de homem enxergará a felicidade de um jeito.

Para Ele a maioria dos homens e os considerados mais vulgares de todos veem a felicidade somente no prazer e é por esse motivo que acolhem de bom grado uma vida dedicada a fruição e prazeres. Porém os mais sofisticados irão enxergá-la, na honra, na sabedoria, como os grandes sábios. Desta maneira a felicidade deriva do tipo de vida que o indivíduo leva.

É importante ressaltar que ao falar sobre as formas que nos conduzem a felicidade, o filósofo destaca com uma grande importância a aparência, o companheirismo e a família, destacando que sem estes não haveria probabilidades de o homem ser feliz. Levando em consideração que no contexto em que Aristóteles viveu a cultura grega era permeada pela valorização do belo e da perfeição.

O estudo da ética aristotélica nos apresenta seis formas de ser feliz: a prática das virtudes, pois as mesmas são responsáveis pelo aperfeiçoamento da vida do homem a luz da razão; um círculo de amigos, pois para ele não pode ser feliz quem não tem amigos e vive sozinho. Aristóteles (2009, Livro VIII, 1155a1) afirma que “[...] ninguém há de querer viver sem amigos, mesmo todos os restantes dos bens. [...] Assim, tanto na miséria quanto nas desgraças, pensa-se sempre que os amigos são o nosso único refúgio.” Desta forma, ver-se que a amizade é, pois uma virtude extremamente necessária à vida. Mesmo que possuamos diversos bens, riqueza, saúde, poder, ainda assim, não será suficiente para nossa realização plena, pois nos falta a essencial amizade.

A boa saúde é uma condição fundamental para a felicidade, porque quem não goza de sua saúde, enfrentará muitas dificuldades e/ou não poderá praticar as virtudes; Os bens

exteriores são um importante ponto a si tratar, pois para alguns estes não convergem para a felicidade, visto que por meio deles, na maioria das vezes, surge o poder, a prepotência e a exclusão, impedindo assim o homem viver socialmente na *polis*⁷.

Porém, Aristóteles apresenta uma condição para que o homem seja feliz, não descartando totalmente a possibilidade de utilizar os bens exteriores para praticar belas ações, como forma de alcançar a felicidade:

É que é impossível, ou muito difícil, executar ações nobres sem estar preparado. Muitas coisas são levadas à prática como que através de instrumentos, por meio de amigos, da riqueza, do poder político. Ora, os que estão privados de alguns bens externos ficam com a marca da felicidade manchada, como é o caso daqueles que estão privados de um nascimento nobre, bons filhos ou beleza. (ARISTÓTELES. Livro I, 1099b1,30, 2009).

Desta forma, para ele, os bens exteriores se resumem no essencial para a vida do homem, para que com esses bens indispensáveis o homem possa fazer boas ações sem corromper sua mente na superabundância de riquezas.

Também a vida em uma sociedade justa favorece a felicidade, visto que o homem sendo um ser político e social necessita de uma vivência com os outros. Em Aristóteles, a virtude é o agir conforme a razão dos valores da *polis*, ou seja, o que se deseja como bom deve ser bom não somente para uma pessoa, ou um grupo, mas bom para a toda a sociedade.

Assim, o homem é um animal político, pois, na *pólis*, ele consegue orientar-se pela conduta moral mediada por leis estabelecidas pelos elementos intelectuais (adquiridos no processo de formação) e a moral (lapidada pelos hábitos racionais e pela experiência vivida). O homem é, portanto, um ser pronto a receber e experimentar ensinamentos e vivências, sem os quais sua existência ficaria incompleta, sendo comandada apenas pelas vontades.

E por último temos a meditação filosófica, que se destaca principalmente nos filósofos. É um nível mais elevado onde se contempla as verdades imutáveis, porém, por ser reservada a alguns filósofos não restringe a felicidade a si, porque quem realiza as demais condições também é feliz.

Dado estas condições de ser feliz, propostas pela ética, Aristóteles evidencia que a felicidade consiste no aperfeiçoamento do homem enquanto homem, com base na atividade que

⁷ A Polis é a Cidade, entendida como a comunidade organizada, formada pelos cidadãos (no grego “politikos”), isto é, pelos homens nascidos no solo da Cidade, livres e iguais. (Convite a Filosofia, Marilena Chaui, Editora Ática).

o diferencia dos animais e de todas as outras coisas. Esta atividade é chamada de atividade racional, que no exercício da mente é a finalidade específica do homem. Assim, o homem não pode consistir apenas em viver, pois os animais irracionais e os vegetais também vivem, porque são seres apenas de alma sensitiva⁸ e vegetativa⁹, porém o homem é um ser dotado da alma intelectual¹⁰, então deve viver bem segundo a razão, sendo justo, prudente e sábio. Afirma Aristóteles que

O homem que quer viver bem deve viver sempre segundo a razão: “Se estabelecemos como função própria do homem certo tipo de vida (precisamente essa atividade da alma e as ações acompanhadas da razão) e como função própria do homem de valor o concretizá-la bem e perfeitamente (...) então o bem do homem consiste em uma atividade da alma segundo a sua virtude e, quando as virtudes são mais de uma, segundo a melhor e mais perfeita. (REALE. 1990, p. 203/204).

O aperfeiçoamento do homem que acima foi citado corresponde às virtudes éticas, que nada mais são do que a educação do instinto, da sensibilidade e das paixões sob a luz do intelecto, assim, a prática das mesmas responde por moldar o caráter humano e orientar os costumes das pessoas, elevando seus sentimentos e educando os instintos. Com isso, os impulsos vitais do instinto tornam-se éticos quando exercidos sob o comando do intelecto, pois as virtudes não aniquilam os impulsos humanos, mas os orientam.

⁸ Alma Sensitiva: é o princípio formal sensitivo e psíquico (sem substância), própria dos animais, cuja função é vivificar o animal;

⁹ Alma Vegetativa: é responsável pela geração, nutrição, pelo crescimento e pela reprodução dos seres vivos;

¹⁰ Alma Intelectiva: é a faculdade que somente o Homem é dotado, pois somente ele tem a capacidade de conhecer. Aristóteles caracteriza o Intelecto como “aquela parte da alma que permite conhecer e pensar”.

A FELICIDADE E O EXERCÍCIO DAS VIRTUDES

A ética mira a virtude, pois sendo prática, identifica na virtude a função de orientar o homem ao modelo de indivíduo justo apresentado no universo da *pólis*. As ações devem convergir para o bem da *pólis*, e, portanto, essa ética se ocupa em estabelecer uma justa medida entre o excesso e a falta, harmonizando desta maneira o homem na sociedade.

Segundo Aristóteles a felicidade consiste na atividade da alma segundo as virtudes. Para ele, as virtudes são os moldes que orientam as ações do homem segundo a atividade da alma intelectual. Porém para melhor entender o conceito de virtude, se faz necessário que antes haja um aprofundamento do significado de alma. Para Ele, a alma é a forma que organiza os seres animados. O estagirista a define como “a alma é aquela coisa devido à qual vivemos, sentimos e pensamos”.

Para Aristóteles, a alma se constitui de uma parte irracional (vegetativa e sensível) e de outra parte racional, sendo que cada parte da alma corresponde uma virtude em particular. A alma vegetativa, que é comum a todos os seres, possui uma virtude que não é propriamente humana por ser comum a todos os seres, como por exemplo, o controle natural das atividades biológicas do corpo e das formas reprodução. Vale destacar que os impulsos vitais do instinto estão relacionados à parte irracional da alma porque são atos biológicos, porém podem tornar-se éticos se estes forem exercidos pelo comando¹¹ do intelecto.

A alma sensível, ainda que seja irracional, "em certo sentido participa da razão", deixando claro que existe uma virtude dessa parte da alma que é especificamente humana, e consiste em dominar essas tendências e esses impulsos, é chamada virtude ética. Finalmente, posto que existe em nós uma alma puramente racional, deverá corresponder também uma virtude própria dessa parte da alma, que é chamada de virtude dianoética ou intelectual, ou seja, a virtude racional.

O conceito grego de virtude (*aretê*) significa excelência, energia, vigor, potencialidade. Define-se como o grau de excelência no exercício de uma capacidade que um ser possui como própria. Para Aristóteles, não existem virtudes inatas, pois nenhuma das formas inatas podem ser alteradas pelo hábito, então todas são adquiridas pela repetição dos atos, por isso diz-se que parte do exercício, por que gera o costume, e esses atos, para gerarem as virtudes, não devem

¹¹ Comando aqui se refere à orientação, pois Aristóteles afirma que o intelecto exerce apenas uma “administração inteligente”, uma orientação sob o ser humano.

desviar-se nem por falta, nem por excesso, pois a virtude encontra-se na justa medida, longe dos dois extremos.

É da mesma maneira, então, que adquirimos as excelências. Isto é, primeiramente põmo-las em prática. É assim também que fazemos com as restantes perícias, porque, ao praticar, adquirimos o que procuramos aprender. Na verdade, fazer é aprender. [...] Do mesmo modo também nos tornamos justos praticando ações justas, temperados agindo com temperança, e, finalmente, tornamo-nos corajosos realizando atos de coragem. (ARISTÓTELES, 1103b, 30-05).

Desta forma, a virtude consiste na uma realidade estruturante das ações humanas, que orientadas pelo intelecto e dedicadas ao exercício, tornam o homem justo e correto socialmente. Nada mais são do que a educação do instinto, da sensibilidade e das paixões sob a luz do intelecto.

Aristóteles dividiu as virtudes em duas formas, as éticas e a dianoéticas. A virtude ética consiste em uma disposição adquirida pelo hábito, pela prática. Assim, o hábito torna possível que surja nos homens uma disposição virtuosa condizente com a prática de ações moralmente boas. Referem-se ao instinto e à sensibilidade, desta maneira o homem é potencialmente corajoso e justo, e pelo exercício repetido, pode tornar-se corajoso, justo e temperante. As virtudes éticas ou morais, estão ligadas com as paixões, os costumes, os sentimentos e impulsos.

Dianoéticas, do grego "dianoétikós" (intelectual, intelectual) é o termo usado por Aristóteles para descrever as virtudes da parte intelectual do ser humano, que ele chamou virtudes dianoéticas, distinguindo das virtudes éticas, que são as características das virtudes da vida ser humano sensível e emocional. Ele destacou como principais virtudes intelectuais a sabedoria, prudência e justiça. Pela sabedoria o homem eleva-se acima das realidades multáveis e considera as imutáveis como o que é justo e o bem; pela prudência ele discerne, escolhe, pondera e decide as ações a fazer e os melhores meios práticos para administrar os comportamentos cotidianos e a justiça é responsável pela ordem e a harmonia cósmica e humana, também por organizar as demais virtudes.

A justiça, no pensamento aristotélico, é compreendida como uma virtude, e como tal, localiza-se no meio-termo (*mesotés*). Ela se difere das demais virtudes e se coloca em posição superior por ser uma virtude que manifesta na aplicação da excelência moral em relação às outras pessoas, não em relação a si mesmo.

Aristóteles observa que as virtudes morais equilibram as ações de cada um, conduzindo a um justo equilíbrio, que significa uma virtude moral, a justiça. Esta procura sempre a equidade

na comunidade política, conhecida como “*polis*”. Assim, as virtudes morais adquirem da justiça sua forma plena, ou seja, o seu significado social, tornando-se está a base da moralidade da vida política. Aristóteles, no caminho da ética prudencial define esse equilíbrio como um meio-termo.

Em muitos sistemas éticos o caminho correto é apresentado como aquele que alcança um meio-termo feliz. Não se desvia para um lado nem para o outro, representando antes a moderação, a harmonia, o equilíbrio e a capacidade de evitar os pontos fracos de ambos. A doutrina aristotélica do meio-termo representa todas as virtudes como um equilíbrio entre os vícios do excesso e os do defeito. O homem que tudo teme é um covarde, mas o homem que nada teme é precipitado. (BLACKBURN, Simon. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.)

Também chamada de doutrina do justo-meio, esta teoria de Aristóteles pressupõe que o homem busca a felicidade na *polis*, ou seja, o homem é parte da cidade e sua felicidade depende da felicidade da cidade. Portanto, o homem feliz é aquele que chega à cidadania. Para que isso ocorra, o homem tem que buscar a excelência, ser virtuoso, ele tem que agir conforme as virtudes¹².

Para ser virtuoso, o homem tem que usar sua virtude intelectual na ação, atuando na obtenção da virtude moral. Inteligentemente, o homem evita os vícios por falta e por excesso e atinge o justo-meio (a virtude), por exemplo, entre a vaidade (vício por excesso) e a modéstia (vício por falta) está o respeito próprio (justo-meio). Para Aristóteles não é possível chegar ao justo-meio fora da ação, pois ele também se dá pelo hábito do controle e do equilíbrio das ações.

Sendo assim, Aristóteles afirma a necessidade da responsabilidade para uma ação ser considerada como moralmente válida. Não há moralidade em uma ação irresponsável, ou naquela em que o sujeito não agiu com pleno conhecimento racional. As virtudes intelectuais são consideradas as prediletas do Estagirita, porque para ele melhor parte do homem é aquela que concebe um princípio racional. Segundo o mesmo, feliz é aquele que vive as virtudes dentro da “*polis*”, que vive uma vida intelectual, sendo capaz de dirigir bem a vida, deliberando de modo correto e prudente o que é bem ou mal para si. Existindo assim uma medida para todas as ações humanas, que é o meio-termo ou justo-meio.

¹² Virtude aqui relacionada diretamente ao meio-termo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A felicidade é buscada hoje pela maioria das pessoas no sentido de obter altos cargos e bens materiais, assim se perdendo em meio a um consumismo exacerbado e alienante, tornando as pessoas escravas de uma mídia que ensina e propaga o individualismo e a competitividade como grandes pilares para se conseguir esta falsa felicidade.

Segundo o filósofo Aristóteles, a finalidade última da vida humana é encontrar a felicidade “*eudaimonia*”. Para o homem alcançar esta felicidade é necessário que viva racionalmente, e viver racionalmente implica viver segundo a virtude “*aretê*”. A virtude é compreendida como a disposição de um indivíduo de praticar o bem, e não é apenas uma característica, trata-se de uma verdadeira inclinação. Virtudes são todos os hábitos constantes que levam o homem para o caminho do bem.

Os hábitos virtuosos são os caminhos que levam o homem à felicidade, que para os mais sensatos e racionais está presente não nas coisas supérfluas que a sociedade oferece, mas sim a vida contemplativa e prática dentro da *polis*. O homem para ser feliz tem que buscar o seu bem e o da *polis*, pois ele não pode ser feliz se o seu meio não está favorecendo esta felicidade.

A *eudaimonia* aristotélica propõe as condições para o ser humano alcançar a felicidade, baseada nos princípios da racionalidade, considerando o justo-meio o principal caminho para conduzir o homem a tal bem supremo, pois para Ele o homem deve alcançar a mediania das coisas, e não está condicionado a nenhum vício, por falta ou por excesso.

Dado o exposto, é perceptível que para Aristóteles a felicidade é o bem supremo a qual todos os homens buscam, e para se chegar a ela é importante trilhar um caminho baseado em virtudes, que irão orientar o ser humano no caminho correto, porém essas virtudes devem ser equilibradas. Assim para o filósofo a ética consiste nesta busca pela felicidade, levando uma vida reta através de ações virtuosas, equilibradas e vividas fraternalmente dentro da *polis*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco/Aristóteles*; Tradução do Grego de António de Castro Caeiro. São Paulo: Atlas, 2009.

BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Consultoria da edição brasileira, Danilo Marcondes. Tradução de Desidério Murcho ... et al. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CHAUÍ, Marilena. *Convite a Filosofia*. São Paulo: Ática, 2004

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à História da Filosofia/ Vol. 1*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LOPES, Hugo. *As virtudes do homem bom: Um paralelismo entre Platão e Aristóteles*. Universidade da Beira Interior, Covilhã - Portugal, 2014.

SILVEIRA, Denis. *As virtudes em Aristóteles*.

PEGORARO, Olinto A. *Ética dos maiores mestres através da história*. Petrópolis: Vozes, 2011.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*/Giovanni Reale, Dário Antiseri. São Paulo: Paulus, 1990.